

A REPETIÇÃO EM NARRATIVAS INFANTIS NA ESCOLA PÚBLICA E PARTICULAR

Celina Aparecida Garcia de S. NASCIMENTO (UFMS-LAEL/PUC-SP)

ABSTRACT: The aim of this study is to verify the repetition marks of the typical connectives of speaking and pronouns which the student transfers to the writing. We observed any written narratives a public and private school student, produced in the natural context of the classroom. Results indicated that the student showed tendencies to the repetition the connectives and pronouns in the written narratives, as a consequence of the theme proposed and the motivation for the production of the narrative.

0. Introdução

A sociedade tem privilegiado a escrita como norma culta, divorciando-a de suas outras funções e o sistema educacional também tem tomado por parâmetro a mesma modalidade lingüística.

Sabemos que o poder da escrita nos últimos tempos decorreu de exigências políticas e culturais (Gnerre, 1991:35-99) e está começando a haver uma colaboração entre áreas afins como a Lingüística Aplicada, Sociolingüística e Psicolingüística a respeito da concepção de linguagem, enfatizando a valorização das duas formas linguísticas: a falada e a escrita. Em vez de estigmatizada¹, a fala passou a ser respeitada e estudada com a expansão dos programas de letramento e com a crise na escrita. Pesquisas têm sido desenvolvidas procurando investigar a inter-relação entre a **oralidade e escrita**. (Cf., por exemplo, Chafe (1979; 1982; 1985), Tannen (1985) e Marcuschi (1986; 1990)).

Segundo Tannen (1982b:14), a escrita é um gênero que faz uso de características associadas com a linguagem oral porque depende, para seus efeitos, de um envolvimento entre o escritor, personagem e leitor. Ainda, parece provável que no início da aquisição da língua escrita não haja muita distância entre esta e a oral, uma vez que, muitas vezes, a criança oraliza a escrita. Observa-se, assim, que a linguagem oral se revela bem próxima das experiências vividas ou presenciadas pelo aluno.

Nosso objetivo é verificar as marcas de repetição dos conectores da fala e dos pronomes que os alunos de duas escolas, uma Pública e outra

Particular, transferem para a escrita narrativas. Não analisaremos a estruturação dessas narrativas, porém, acreditamos que as mesmas sejam produzidas com, no mínimo, a complicação de um fato e a ação de personagens²⁻³.

A nossa hipótese é a de que os alunos pesquisados transferem marcas da oralidade para a escrita, como, por exemplo, com a repetição⁴, em consequência da sua não-familiaridade com o texto proposto para a narrativa.

Tendo em vista nosso objeto de estudo, passaremos a discorrer, primeiramente, sobre as **modalidades falada e escrita**, mencionando Kato (1987:20-41) que trata das diferenças entre as modalidades **falada e escrita**, classificando-as em **formais e funcionais**. As **formais** são acarretadas pelas diferentes condições de produção: a **escrita**, diversamente da fala, é menos dependente do contexto situacional, está mais sujeita a convenções prescritivas e constitui-se num produto permanente. Devemos considerar, ainda, sob a ótica da autora, na **fala** e na **escrita**, a variação causada pelos seguintes fatores: social e psicológico, grau de letramento, estágio de desenvolvimento lingüístico, gênero e registro. Quanto às diferenças **funcionais**, a lingüista menciona três perspectivas: evolução (história) do uso da língua, visão sincrônica desse uso e uso da escrita em nosso contexto.

Chafe (1979; 1982; 1985) admite que a linguagem **escrita formal** e a **fala informal** diferem uma da outra em mais maneiras do que apenas nas formas em que são escritas ou apresentadas. Chafe (1979) nos mostra importantes diferenças entre as modalidades falada e escrita. No que se refere ao oral, o falante, geralmente, tem diante dele a pessoa com quem dialoga e isto permite ao falante uma monitoração do efeito, sobre o ouvinte e, ainda, uma melhor elaboração de sua conversação.

Segundo Koch (1992:106), os marcadores conversacionais⁵ "pontuam" o texto e podem funcionar como sinais do falante, ou sinais do ouvinte. A autora cita como marcadores típicos da progressão narrativa, os seguintes: **(a)** início e final de segmentos tópicos, subtópicos ou quadros tópicos: "aí", "então", "aí então", "né"; **(b)** concordância, discordância ou dúvida: "tá", "certo", "será?"; **(c)** hesitação: "ah", "eh"; **(d)** início de fim de uma digressão⁶: "desculpe interromper, mas...", "voltando ao assunto", e **(e)** seqüência da narrativa: "aí", "daí", etc.

Para Marcuschi (1986:61-62), os marcadores conversacionais são palavras e expressões mais ou menos fixas: podem ser verbais (palavras, expressões ou frases), prosódicas (entonação, pausa, etc.) e não-verbais (olhares, gestos, e outros). Tais expressões não constituem uma classe gramatical específica, pois se diferenciam pela função que desempenham na interação verbal.

Andrade (1990) analisa as propriedades sintáticas, semânticas e pragmáticas dos marcadores conversacionais - **então**, **aí** e **daí**, como elementos que introduzem o turno ou a unidade comunicativa.

Na abordagem semântico-pragmática, Andrade (1990:105-158) observou que **então** exerce funções de: indicador de tempo, conseqüência, conclusão, conjunção (aproximação), interjeição, entre outros usos. Tendo em vista a modalidade escrita, o **aí** desempenha as funções de: indicador de lugar, tempo, argumento, seqüência, reforço e interjeição. O marcador **daí**, por se tratar de uma locução adverbial, tem as mesmas funções de **aí** (dêitico anafórico).

Numa perspectiva discursiva, esses vocábulos apresentam-se introduzindo "turno" ou "unidade comunicativa". Assim, Andrade mostra que os marcadores **então**, **aí** e **daí**: (a) introduzem uma unidade comunicativa; (b) funcionam dentro do fator de coesão/coerência textual; (c) contribuem para encadear ou hierarquizar argumentos e (d) operam com características de dêitico discursivo. Andrade (1990:230) afirma também que os **marcadores conversacionais** estudados desempenham funções textuais e argumentativas, por assegurarem a continuidade do discurso e hierarquizarem argumentos e/ou enunciados e, ainda, por exercerem a função interativa, porque servem para articular as relações entre os interlocutores e sustentar a interação.

Em nossa análise, definimos também esses marcadores como típicos do ato da fala, por se constituírem em elementos discursivos que fornecem pistas importantes para os interlocutores, já que marcam o andamento do texto. Eles aparecem como marcadores típicos da progressão narrativa, iguais a: **aí**, **então**, **logo depois**, **e**, **daí**, e outros (cf. Koch, 1992:106).

Outra noção essencial é a **repetição**, mecanismo sobre o qual faremos comentários e abordaremos a importância e o modo pelo qual se manifesta, o que nos poderá fornecer arcabouço teórico para a

verificação da frequência da repetição e da maneira como ela se apresenta em nosso cópua.

Koch (mimeo) mostra a importância da **repetição** enquanto mecanismo estruturador do texto falado, em seus diversos níveis. A repetição deve ser vista como um mecanismo essencial no estabelecimento da coesão. Tais repetições são introduzidas por marcadores do tipo: **isto é, ou seja, ou melhor, quer dizer, em síntese, em resumo**, etc.

Marcuschi (1990:01), complementando esse ponto de vista, mostra em seu trabalho que a "*repetição não é um simples descontinuidade textual, mas um mecanismo de composição do texto e conclusão do tópico discursivo*".

Tannen (1987:02), igualmente, propõe a visão de que a **repetição na conversação** atua na **produção, compreensão e interação social**.

Julga-se pertinente explicitar que consideraremos, em nossa análise, a **repetição** como sendo a produção de conteúdos lexicais orais ou escritos, idênticos, duas ou mais vezes num mesmo texto ou parágrafo, quando o informante torna a usar, dizer ou escrever o mesmo recurso para narrar os acontecimentos dos fatos, durante a confecção de sua mensagem textual.

Nosso trabalho tem como parâmetro algumas narrativas orais não analisadas aqui, objetivando mostrar que há uma inter-relação e combinação entre as duas modalidades, considerando que, durante o processo inicial da escrita, a criança apresenta marcas bem próximas das experiências de oralidade⁷. E a partir daí, há um entrelaçamento entre essas duas modalidades, em que a informação já conhecida sempre contribui para a incorporação de uma nova (Chafe (1982; 1985), Tannen (1985) e Koch (mimeo)).

Ressaltamos que os informantes pesquisados, ao mesmo tempo em que tentam dominar recursos e estratégias de língua falada, encontram-se em início de aprendizagem da escrita enquanto produção de texto. Por estes motivos, partimos das narrativas orais para as escritas, a fim de verificar a ocorrência ou não de traços comuns, no que diz respeito às repetições de **Pronomes** e de **conectores lingüísticos típicos da fala**.

1. Análise e discussão dos dados

Levantamos na escola Pública marcas de repetição de: **Pronomes Possessivos, Pronomes Pessoais do Caso Reto e Conectores típicos da fala**, em todas as narrativas escritas produzidas pelos alunos da **Escola Pública**, através das narrativas "Minha mãe", "O gato e o rato", "As aventuras de Malazarte" e "Chapeuzinho amarelo", produzidas nas quatro coletas.

Obtivemos 57.1% de repetição do Pronome Possessivo, **Minha**, na coleta 01, por estar relacionado com o tema da narrativa. Destacamos alguns exemplos, observando que antes de cada exemplo, aparecem as letras iniciais do nome do aluno e, ao final, as palavras mais repetidas. Lembramos ao leitor que praticamente todos os exemplos de nosso trabalho são citados com cortes, com destaque para às partes que mais ressaltam o que está sendo comentado.

KP:

"Minha mãe é morena..."

Minha mãe é uma grande mulher..."

Ela não pára na minha casa ela vive viajando..."

Minha

-

08 vezes

A exemplo desse aluno (KP), verificamos que o uso do pronome **Minha** mostra a relação com o tema proposto, que foi descrever "**minha mãe**", tendo em vista o dia das mães. Os alunos narraram, assim, as características de sua mãe, argumentando sobre sua vida diária, o trabalho e o afeto que sentem pela mãe.

O índice mais elevado de repetição do Pronome Pessoal, **Ela**, foi de 64.2% na coleta 01. Vejamos um exemplo do uso do Pronome **Ela**:

CH:

"A minha mãe trabalha de faxineira Ela faz de tudo que mulher manda, ela faz comida... ela lava losa... ela lava roupa... ela lava vidro... ela chega cansada... ela toma um banho e vai assistir novela... ela vai para casa... sábado ela vai sair e no domingo e vai nos tudo para o jogo ela comesa segunda feira vai até sexta feira ela trabalha.... ela que compra... eu gosta da minha mãe..."

Ela

-

12 vezes

Observamos nessa narrativa e nas demais, toda uma trajetória de vida, que retrata a história do aluno junto a sua mãe; isto é, o seu dia a dia, crenças e atitudes em relação ao trabalho que a mãe executa.

Verificamos também que os alunos usam a repetição como uma estratégia de composição do texto, como forma de auxiliar na compreensão, talvez do possível leitor, para ligar os episódios ao dar coerência ao texto.

O maior índice de uso do conector **E** foi de 83.3% na coleta 03 e 25.0% do conector **Aí**, também na coleta 03. De um modo geral, observamos que os índices do conector **E** foram os mais altos, nas quatro coletas, sendo o único presente em todas elas. Segue-se um exemplo do uso do conector **e**:

MR:

"Era umave um gato muito preguiçoso e só vivia domino ele mora em uma mação e a dona dele chamava Rosa ela tinha um medo de rato que só vendo e um ratinho muito espeto ele gosta de assutar a Rosa e balança a cadera e Rosa crita sem gato prguiçoso vem pegar esse rato e o gato fica comendo peixe e e o o rato fica asustado..."

E

-

14 vezes

A repetição do conector **E**, parece ter função de assegurar a continuidade da narrativa, exercendo função interativa quando o aluno tenta articular a relação entre os personagens gato, rato, Rosa e o provável leitor que é neste caso a professora.

Nas narrativas escritas da escola Particular, levantamos, marcas de repetição de: **Pronomes Pessoais do Caso Reto**, com índice mais elevado para o pronome **Ela** (48.0%), na coleta 04 e 63.3% para o **Conector E**, na coleta 01, através das narrativas intituladas: "Um sonho", "Os preás e a cobra", "Como apareceram os bichos" e "Rita, não grita". Vejamos num exemplo da coleta 04 o uso do Pronome **Ela**:

RCP:

"Eu entendi que a Rita ela era muito gritalhenta e ela era magrissela de tanto ela gritar ela perdeu todos os seus amigos e ela chorava e até que sua vó trouxe um jogo para ela e ela foi correndo mostrar para o seus colegas..."

ELA

-

06 vezes

O aluno (RCP) ao descrever a Rita, retoma várias vezes o pronome **Ela**, como um mecanismo para dar continuidade ao tópico central da narrativa, Rita.

Os conectores **E** e **Aí** foram muito usados durante as narrativas dos fatos, mais especificamente no início e meio dos parágrafos, para relatar as características dos personagens, localizando-os no tempo e lugar.

Confirmamos a narrativa de (OH), a seguir:

OH:

*"Era uma vez que eu estava atrasado para escola.
Eu entrei dentro da sala de aula virado um vampiro.
-E eu mordi o pescoço da Tia nete.
E logo depois ela estava morta, então todos os alunos comeram a
gritar.
-E logo depois o Olimpio falou:...
-E um daí eu apareci no quarto dele e mordi...
E amanhã eu e o Olympio modemo...
-E também nós começamos a morder...
E logo logo depois libertamos...
Então começou a guerra...
E logo depois o mal derrotou o bem.
Então as cidades ficaram nas mãos dos vampiros.
E chegou o padre com a cruz de sebastiom.
Então apontou a cruz para o vadi.
E logo depois ele morreu.
E eles voltaram a viver de novo".*

E

12 vezes

Pelas narrativas, foi possível observar que os informantes usaram os conectores **Aí** e **Daí** com função de introduzir uma unidade comunicativa, assegurando a continuidade da narrativa, e de oferecer coerência ao texto, (Marcuschi (1986), Koch (1992), Andrade (1990).

Sendo assim, o uso dos Pronomes e dos Conectores, nas escolas pesquisadas mostram que a situação de Produção - motivação⁸ parece fundamental para que se estabeleçam os pontos de integração ou diferenciação entre a oralidade e a escrita.

Os informantes fizeram uso de vários outros marcadores, tais como: **depois de tudo, chegando lá, quando, então, tudo começou, e assim, e daí**. Esse último parece estar bem mais próximo da oralidade, o que pode ser confirmado na fala de alguns alunos, no momento em que estavam narrando o sonho, antes da escritura do texto. Quanto ao operador narrativo "**Era uma vez**", o índice na escola Particular foi em torno de 07,0 %. Para suprir o emprego deste operador, eles iniciaram a narrativa com "Um certo dia", "Num lindo dia", "Há muitos anos atrás" e

"Era um lugar". Enquanto que na escola Pública, o emprego de "**Era uma vez**" foi de 68,0 %, para introduzir a estória e ainda, os alunos não incluídos nesse índice iniciaram a narrativa mencionando o personagem principal: "Um dia um gato", "Pedro Malazarte", "Chapeuzinho era" e "A Chapeuzinho tinha".

2. Considerações finais

Uma vez realizadas a análise, vejamos os mais relevantes resultados apontados por esta amostra de textos escritos:

Nas narrativas escritas da escola **Pública** obtivemos o seguinte resultado: **(a)** maior índice, por coleta, 100.0%, de repetição na coleta 03; **(b)** 57.1% de repetição do Pronome Possessivo, **Minha**, na coleta 01, por estar relacionado com o tema da narrativa; **(c)** 64.2% de repetição do Pronome Pessoal, **Ela**, na coleta 01; **(d)** 83.3% de uso do Conector **E** na coleta 03 e 25.0% do conector **Aí**, também na coleta 03. De um modo geral, observamos que os índices do conector **E** foram os mais altos, nas quatro coletas, sendo o único presente em todas elas.

É nossa intenção deixar registrado que as ocorrências de repetição encontradas nos pronomes possessivos (meu e minha), pronomes pessoais (ela, ele e eu) e Conectores da fala (e, aí e daí), estiveram relacionadas com o tema proposto em cada coleta, e também com os fatores: **familiaridade com o texto e situação de Produção - motivação inicial**, além de estarem, nossos informantes, em fase de **aquisição da escrita**.⁹ Parece-nos que estes fatores, constituem um reflexo para um menor ou maior índice de repetição.

Sintetizamos os resultados registrando o seguinte: **(a)** o índice mais elevado de repetição, por texto, na Escola Particular foi de 86.6% na coleta 01, enquanto que na escola Pública o índice foi de 100.0% na coleta 03; **(b)** não tivemos ocorrência de Pronomes Possessivos na Escola Particular, enquanto na escola Pública o índice foi de 57.1% na coleta 01, em virtude do tema proposto para a narrativa; **(c)** entre os Pronomes, o índice mais elevado foi para o Pronome Pessoal **ela**, nas duas escolas, porém, com índice menor na escola Particular, de 48.0%, na coleta 04; e **(d)** obtivemos 63.3% de ocorrência do Conector **E** na coleta 01 na Escola Particular, em relação a 83.3% na escola Pública; finalmente 06.6% para o conector **Aí** na escola Particular, na coleta 01, em relação à 25.0% na escola Pública.

Concluindo, devemos afirmar que, os pontos comuns nas duas escolas analisadas foram as ocorrências dos **Pronomes Pessoais, Ela, Ele, e Eu** e **Conectores da fala E e Aí**, considerando que, em todas essas ocorrências, os índices da escola Pública estiveram sempre acima da escola Particular, em virtude do tema proposto para cada coleta e a motivação e ainda, tendo sido usados esses conectores com função de

assegurar a continuidade da narrativa, ligar os episódios, interagir com o ouvinte/leitor e, ainda, dar coerência.

Com base na análise, constatamos que as narrativas escritas da **escola Pública** estão ainda bem mais próximas da **oralidade**.

NOTAS

- 1 Estigmatizada, considerando que, em geral, a variante tida como padrão é ao mesmo tempo, conservadora e aquela que goza do prestígio sócio-lingüístico na comunidade. As variantes inovadoras, por outro lado, são quase sempre não-padrão e estigmatizadas pelos membros da comunidade. (Cf. TARALLO, 1985).
- 2 Confira sobre narrativa, Labov & Waletzky (1967), Labov (1972), van Dijk (1987(1992)), Rumelhart (1975), Johnson & Mandler (1977) e (1980), Lajolo & Osakabe et alii (1977) e Stein & Glenn (1979).
- 3 Uma análise sobre os textos que as crianças escrevem, como se dão o surgimento e desenvolvimento da complicação, resolução e desfecho, encontra-se documentada e discutida na pesquisa de ROJO (1989).
- 4 Nossa hipótese inicial era a de que os alunos transferem várias marcas da oralidade como a repetição, digressão e interrupção para a escrita. Porém, após a análise da coleta 01 (Piloto), encontramos maiores ocorrências apenas da Repetição, alguns casos isolados de Digressão na escola Pública e nenhuma Interrupção. Partindo desses resultados, elegemos a Repetição como categoria de análise nesta pesquisa.
- 5 Consultar também Marcuschi (1987), Castilho (1987 e 1988) e outros.
- 6 Para DASCAL & KATRIEL (1979) a digressão ocorre quando há um claro abandono de uma estrutura de relevância temática e sua substituição por outra. Eles citam três tipos de digressão: **(a)** baseadas no enunciado, que se caracteriza por apresentar uma espécie de relação de conteúdo (semântico ou pragmático) entre o enunciado principal vigente e o digressivo; **(b)** baseadas na inserções, que se referem a uma grande variedade de atos de fala corretivos, esclarecedores, informativos, etc.; **(c)** baseadas na interação, que são freqüentemente condicionadas por algum "barulho" ou elemento perturbador do meio ambiente. Distingue-se das demais por não apresentar relações de conteúdo com o tópico em andamento.
- 7 Segundo GÓES & SMOLKA (1992:55) "quando a criança começa a escrever alfabeticamente, tende a registrar os enunciados com inúmeras marcas da fala: não só registra palavras como fala ("muinto", "bassora", "mulé"), como também liga e segmenta em função do significado e do ritmo da fala ("purfavor", "porcaso", "derepente)". As autoras afirmam que a partir daí estas estratégias vão se convertendo em texto escrito, a medida que a criança se constitui como autor.
- 8 São os fatores que envolvem todo o contexto social do aluno. Tal contexto engloba, Procedimento e Modelo de Linguagem da Escola e do aluno, Papel do Professor no Processo Ensino/Aprendizagem, Motivação e Produção de Texto e Eventos de Letramento. Também Prática de Leitura em casa, Prática da Escrita, Dados sobre os Pais, e sobre as Mães, não examinados neste artigo por não serem estes, nosso objetivo central.

- 9 GÓES & SMOLKA (1992) apontam algumas características presentes nos enunciados das crianças durante o processo da produção inicial de textos: incompletude de enunciados que pode advir de referentes omitidos ou relações não marcadas, ambigüidade referencial e a repetição de uma palavra ou enunciado inteiro. As autoras afirmam que "a tendência a repetir é uma marca da fala na escrita inicial, no entanto, muitas das repetições observadas constituem menos uma ressonância típica da fala e mais um reflexo da experiência com textos didáticos básicos".

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRADE, M. L. C. V. O. (1990) **Contribuição à Gramática do Português Falado: Estudo dos marcadores conversacionais então, aí, daí**. SP: Dissertação de Mestrado, PUC.
- CHAFE, W. L. (1979) *Integration and involvement in spoken and written language*. Paper presented at the 2nd Congress of the International Association for Semiotic Studies, Vienna.
- _____. (1982) *Integration and involvement in speaking, writing and oral literature*. In D. Tannen (ed.) **Spoken and Written Language: Exploring orality and literacy**. Norwood, New Jersey: Ablex.
- _____. (1985) *Linguistic differences produced by differences between speaking and writing*. In D. R. Olson (org.) **Literacy, Language and Learning**. Cambridge: Press Syndicate of the University of Cambridge, University Press.
- KATO, M. A. (1987) **No mundo da escrita: Uma perspectiva psicolinguística**. 2ª ed. SP: Ática.
- KOCK, I. G. V. (mimeo) *A repetição como mecanismo estruturador do texto falado*. UNICAMP.
- _____. (1992) **A Inter-ação pela Linguagem**. SP: Contexto.
- MARCUSCHI, L. A. (1986) **Análise da Conversação**. SP: Ática.
- _____. (1990) *A repetição na língua falada e sua correlação com o tópico discursivo*. UFPE.
- ROCHA, I. L. V. (1994) **Aquisição da Pontuação: Usos e saberes de crianças na escrita de narrativas**. Tese de Doutorado, PUC/SP.
- TANNEN, D. (1985) *Relative focus on involvement in oral and written discourse*. In D. Olson (org.) **Literacy, Language and Learning**. Cambridge: Cambridge University Press.
- _____. (1987) *Repetition and variation as spontaneous formulaicity in conversation*. Georgetown University, Submitted to *Language*.